

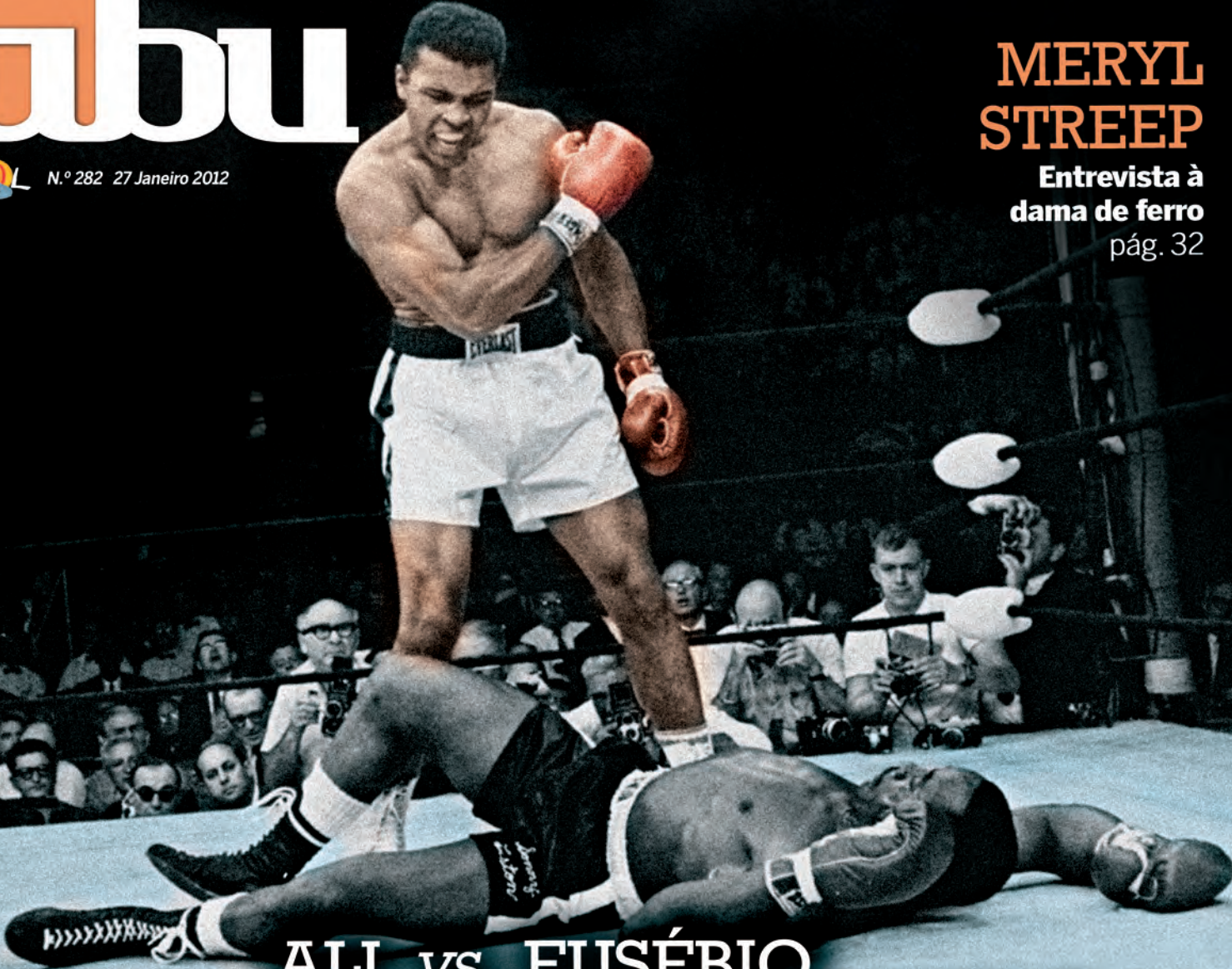
tabu



N.º 282 27 Janeiro 2012

MERYL STREEP

Entrevista à
dama de ferro
pág. 32



ALI vs. EUSÉBIO

OS REIS FIZERAM 70 ANOS

pág. 38



‘Não me assustam os PROJECTOS GRANDES’

Com 14 anos de carreira em arquitectura e *design* de interiores, acaba de receber dois prémios pelo seu trabalho no Hotel Altis Prime. Chegou tarde às artes porque começou nos números, deu aulas, abriu dois restaurantes e trabalhou na televisão. Se a vida for um círculo perfeito, Cristina Jorge de Carvalho pensa terminar de desenhá-lo em Moçambique, onde nasceu

Entrevista de ANA CRISTINA CÂMARA Fotografias actuais de JOSÉ SÉRGIO

NO DIA 18, recebeu em Londres dois galardões dos International Hotel Awards, pelo seu projecto de *design* de interiores no Hotel Altis Prime, de Lisboa. Que prémios são estes?

São prémios atribuídos na Europa, no Médio Oriente, em África e nas Américas, por um júri de várias áreas, todas ligadas à hotelaria. Já sabia que tinha ganho a categoria de Best Hotel Interior relativamente a Portugal, mas foi uma grande surpresa saber que ganhei também essa categoria na Europa. Deu para conhecer pessoas de todo o mundo – havia empresas a fazer 80 hotéis ao mesmo tempo! É uma honra receber um prémio de *design* de interiores estando a competir com equipas internacionais, algumas com 200 profissionais!, de empresas enormes, que trabalham no Médio Oriente, na China, nos Estados Unidos...

Quantas pessoas trabalham consigo no atelierCJC?

É uma equipa flexível. Duas arquitectas trabalham sempre comigo, um *designer* 3D e a minha secretária. Depois tenho mais quatro arquitectas que trabalham comigo conforme os projectos.

Uma equipa pequena e quase 100% feminina. É propositado?

Gosto muito de trabalhar com mulheres. São mais práticas, mais objectivas, mais flexíveis, vêem o todo, conseguem fazer várias coisas ao mesmo tempo. Tenho esta ideia – e posso estar completamente errada – de que os homens são mais direc-

nados: têm um objectivo e concretizam-no, de uma forma muito recta. As mulheres conseguem ajustar-se às alterações do próprio projecto.

Isso aconteceu com o Altis Prime, que foi um processo moroso.

Foi muito longo, cerca de quatro anos. Começou em final de 2006, através da Joana Valente Rodrigues, que é uma das donas e já acompanhava o meu trabalho há muito tempo. É um projecto novo no grupo, porque é diferente do que eles têm – é um hotel de apartamentos. Quando começámos a trabalhar, o prédio estava parcialmente construído, houve muitas condicionantes técnicas. Foram estudadas muitas tipologias até se chegar a quatro – de T0 a T3 – e 78 apartamentos (inicialmente eram 98), todos ligeiramente diferentes, dependendo da localização dentro do edifício. E, por exemplo, não fizemos um quarto e multiplicámos por 78. Existem dois tipos de quartos, porque a nível de arquitectura são diferentes, e depois cada um deles tem ainda diferenças. As peças de mobiliário também estão contempladas para cada um dos apartamentos.

«Gosto muito de trabalhar com mulheres. SÃO PRÁTICAS, FLEXÍVEIS, OBJECTIVAS»

Tudo escolhido por si?

Tudo escolhido por mim, tudo desenhado por mim. Fiz a arquitectura de interiores dos 78 apartamentos e também o projecto de decoração.

Não estava à espera de ganhar os prémios, mas tem ideia do que fez o júri escolher o seu trabalho?

Creio que terá sido pelo carácter único deste projecto: este hotel tem a particularidade de se diferenciar pela arquitectura de interiores – é trabalhado através de volumes – que é marcante e ao mesmo tempo intemporal. Cada apartamento começa com um volume de noqueira, que é a entrada, e engloba a cozinha e a casa de banho; depois desenvolve-se outro, muito mais branco, onde temos a sala e o quarto. A base é esta e, a partir daqui, o desenrolar do espaço vai diferindo consoante os apartamentos são mais largos, mais compridos... O hotel também tem, nas áreas públicas, o restaurante-bar, o lobby, as salas de reunião e, lá em cima, um pequeno deck.

Conceber, desenhar, decorar todos os espaços deve ter sido um desafio – num projecto desta envergadura...

Para quem tem um curso de Gestão de Empresas não é. Aliás, gosto de projectos grandes, aliciantes – não me assustam.

No que está a trabalhar agora?

Acabei de fazer o projecto de um hotel em Portimão, no autódromo, que vai ser um Radisson, com 194 quartos, de cinco tipologias diferentes, dois restaurantes, lobbies, espaços exteriores, piscinas, etc. Está em obra. Tenho um condomínio no Brasil, no Nordeste. É anexo a um hotel, onde vão ser feitas duas casas ➔

CRISTINA JORGE DE CARVALHO



No lobby do Altis Prime – Cristina fez o *design* de interiores de todo o hotel

completamente diferentes em termos de estilo e de arquitectura e eu vou fazer os interiores. Em Luanda tenho o projecto de uma casa particular e haverá lá outros projectos, nomeadamente hotéis – ainda estamos em negociações. Em Moçambique será o escritório de uma empresa portuguesa, que se vai instalar no país, em Maputo. São mercados que estão a crescer – e é natural irmos para lá, até pela proximidade cultural, pela língua. O trabalho para mim é um *hobby* – acho óptimo ir em trabalho e há sempre momentos de lazer. **Moçambique será um regresso a casa. Viveu em Nampula até aos oito anos. Nascer em África marcou-a de algum modo?**

Nampula era a capital militar do Norte e o meu pai tinha, entre outros negócios, a companhia de transportes que levava tudo para as tropas portuguesas em Moçambique. Aos 18 anos, houve uma pequena divergência entre ele e o meu avô e o meu pai resolveu ir para África. Ter nascido em Moçambique é marcante – acima de tudo o facto de ser um país muito grande, com uma grande liberdade de ideias, de modo de vida – porque cria uma abertura de espírito que transportamos ao longo dos anos. É uma noção de limite infinito. A questão das barreiras e das dificuldades não se coloca às pessoas que nasceram em África. Tudo é possível. As distâncias eram enormes – não se ia para Lourenço Marques ou para a Beira de carro, ia-se de avionete. Aliás, era suposto aos 18 anos tirar o *brevet*.

Que imagens guarda dessa infância?

Lembro-me de haver muitos militares, andavam na rua. Quando nasci, eles já lá estavam: eu achava que havia tropas em todos os países do mundo! [risos] Tenho muitas memórias olfactivas. O cheiro da terra molhada, após as chuvas. Sempre que viajo compro um perfume, para associar a ele uma determinada viagem. Lembro-me de uma vez estar em São Paulo, a atravessar uma rua e, de repente, não sei se era um algodão doce mas, numa fracção de segundos, aquele era o cheiro das caixas de bombons que o meu pai trazia da África do Sul... E as temporadas que passávamos na nossa casa na praia das Chocas... Fica talvez a uns 500 quilómetros de Nampula. Íamos de jipe, um Land Rover. A nossa mãe mudava-se para lá connosco, mais não sei quantas amigas e os respectivos filhos – e ficávamos três ou quatro meses na praia. Os pais iam ao fim-de-semana ou durante um mês. Era como, em Portugal, quando se ia para o Algarve três meses, no Verão. O caminho para a praia das Chocas era maravilhoso, com dezenas de macacos a saltarem das árvores, havia uma aldeia de pretos albinos, parávamos e dizíamos adeus... Descíamos as escadas e estávamos na

praia. Lembro-me de, uma vez, estarmos na praia das Chocas, e eu ter de voltar por causa do paludismo porque não havia ninguém lá que me pudesse dar uma injeção – tivemos de fazer os 500 quilómetros para casa, para levar a injeção [risos].

Tem amigos dessa época?

Ninguém. Perdi completamente o contacto.

Quem também é de Nampula é o treinador Carlos Queiroz...

Conheço-o! Não de lá, mas é que o pai dele, ou o tio – não me recordo – era o professor de ginástica do meu pai, dava-lhe aulas privadas [risos]. Eu também tinha um PT [*personal trainer* – treinador pessoal] quando era pequena, nessa altura não se dizia PT, mas era para fazer ginástica.

Como se dá a ida para Portugal, em 1974?

Vimos de férias, em Junho de 74, e éramos para regressar, mas nunca mais voltámos. A situação em Moçambique piorou. Perdemos tudo, as empresas do meu pai foram nacionalizadas. Durante uns tempos houve uma esperança de regresso... Achei Portugal um país um bocadinho estranho. **Em quê?**

Era pequenino. Cinzento, escuro, antiqua-

do. Estradas pequenas, horizontes pequenos. Muito conservador.

Onde ficaram a viver, em Portugal?

Perto de Coimbra – mas em Lisboa não era muito diferente. Não havia Coca-Cola, não havia Chiclets, não havia leite em pó. Não havia nada.

Em Moçambique tinham acesso a esses produtos através da África do Sul.

Exactamente. De repente, não há Fanta? Não há Coca-Cola?

Ficaram a viver nessa zona?

Não, passámos por Caracas. O nosso pai foi para a Venezuela, tinha negócios de importação/exportação. Vivemos lá um ano, fomos em 1979. A América Latina é como África, muito vibrante, muito tropical. Tem a música, os edifícios – magníficos, enormes –, as auto-estradas. Tudo era hiperdesenvolvido naquela altura. Era um país riquíssimo – e um contraste face a Portugal. Sou fascinada pela América Latina também por causa desta vivência. Aliás, adoro viajar e uma das coisas de que mais gosto é saber como os outros vivem – um dos meus passatempos preferidos é ver como as pessoas andam na rua, como se relacionam, como estão nos cafés.

Em 1981 regressaram novamente a Portugal: porquê sair da Venezuela?

Os nossos pais acharam que a Venezuela não era um sítio para duas miúdas serem educadas, era muito violento. Lembro-me de uma vez, à noite, estarmos a sair de casa de uns



Bilhete de identidade HIPERCRIATIVVS. HIPER-RACIONAL

NASCEU em Moçambique, em 1966, e acredita que ter África como berço é uma mais-valia para a vida – abre horizontes e perspectivas, tal como viajar, o que começou a fazer desde cedo. Aos oito anos, despediu-se da pátria para viver em Portugal, que achou «pequenino». O pai pegou então na família (as duas filhas e a mulher) e todos se mudaram para Caracas, uma aventura que durou cerca de um ano: a violência estava demasiado próxima na Venezuela, o que ditou um novo retorno a Portugal. Aí se faria o futuro de Cristina Jorge de Carvalho, num serpentejar por várias áreas sem aparentes pontos de contacto: ainda que adorasse desenhar e pensasse no curso de Arquitectura, foi para os números e escolheu Gestão de Empresas. Aos 23 anos já dava aulas na faculdade mas, pouco depois, saltou para o departamento comercial da *TVI*, que estava a dar os primeiros passos, e ainda teve tempo para abrir a Casa México, o primeiro restaurante de comida mexicana em Lisboa – e fruto da sua paixão pela América Latina. Quando achou que não podia fugir àquilo que acreditava ser a sua vocação, rumou a Londres: estudou Design de Interiores e, de regresso a Lisboa, em 1998, abriu o *atelier* CJC. Já tinha mais de 30 anos e nenhum currículo, mas estabeleceu-se. Projectos de casas particulares, hotéis, *spas* ajudam-na a construir uma assinatura, que a arquitecta de interiores define como sóbria, minimalista, intemporal e independente de tendências, e que a leva também para o estrangeiro. No dia 18, o seu projecto no Hotel Altis Prime valeu-lhe as distinções de Melhor Design de Interiores de Portugal e da Europa. A Moçambique, abandonado em 1974, regressou apenas em 2000. Mas, neste ano, novos projectos garantem-lhe um regresso à casa africana.



1. Com a mãe e a irmã na praia das Chocas, em Moçambique (1971/72)
2. Na mesma praia, com a irmã e amigos. Ali, os mais pequenos passavam três meses de férias
3. Cristina e a irmã Isabel, em Nampula (1973)



amigos dos meus pais, e, ao atravessarmos a rua, passaram dois carros e começaram aos tiros um ao outro. Era uma violência que se sentia no dia-a-dia, o país era muito inseguro. Viemos para Lisboa. No liceu fui boa aluna – extraordinariamente boa aluna! [risos] –, sem dar problemas nenhuns aos pais, muito bem-comportada... Desde pequenina que tinha três cursos em mente: Economia (na altura ainda não havia Gestão), Engenharia Civil e Arquitectura. Quando chegou a altura, optei por Gestão de Empresas.

Mas o que gostava mesmo de fazer era desenhar e fazia-o desde miúda. Acabou por escolher um curso distante dessa veia mais criativa.

Estava muito longe da criatividade! Mas sim, toda a vida desenhei. Só que tenho dois lados completamente opostos: um hipercriativo, outro hiper-

racional. E na altura foi o lado racional que me fez escolher o curso de Gestão de Empresas. E, aí, gostei francamente da área financeira. Assim que terminei, fui convidada para dar aulas de Contabilidade Geral.

Isso foi em 1990, no ISCTE – e a cadeira era um cadeirão...

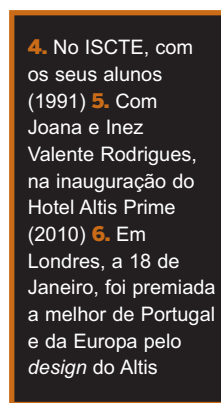
Era uma cadeira difícil, aquela em que se chumbava

mais no ISCTE. Não é atractiva de se aprender mas, como eu costumava dizer aos meus alunos, é básica para todas as outras cadeiras financeiras, como Gestão Financeira, Análise Financeira, etc.

Estava a dar aulas a miúdos que tinham quase a sua idade.

Isso foi muito engraçado! Lá estava eu, com 23 anos, tinha um ou dois anos mais do que alguns alunos... Tentava ensinar de uma forma criativa, com anedotas, com brincadeiras, de forma a que eles percebessem a matéria. Desenhava bonecos no quadro, levei laranjas para explicar a diferença entre o deve e o haver. Tive resultados muito bons. Na altura, ainda frequentei a pós-graduação em Estudos Europeus na Universidade Católica e, entretanto, comecei a ser convidada para dar aulas em pós-graduações e mestrados no ISEG/ISCTE, em Gestão Financeira e Análise Financeira... De repente, de assistente de uma cadeira, passei a dar dez horas de aulas por dia, e estive assim durante três anos, de 1990 a 1993.

«Portugal era pequenino. Cinzento, **ESCURO, ANTIQUADO,** conservador»



Depois mudou totalmente de cenário e foi para a TVI – porquê?

Ainda estava a dar aulas na faculdade, mas fui para a TVI no final de 1992. Era um projecto completamente novo: criar uma estação de televisão. Estava na área comercial, ou seja, tinha uma ligação com as agências de publicidade – era esse o meu trabalho, negociar as campanhas publicitárias –, mas também havia uma relação muito grande com a produção dos programas. Lembro-me de ter vendido o primeiro anúncio – a TVI abriu com um anúncio da Halls Mentho-Lyptus: havia uns frades e um deles estava com tosse ou rouco e achei engraçado ter conseguido vender esse anúncio numa televisão religiosa... Parecia quase de propósito!

Estava num meio também muito mais informal, comparado com as aulas na faculdade.

Completamente! Ensinar é superinteressante, mas no fundo estamos sempre sozinhos perante uma plateia. Num trabalho de equipa, estamos em contacto diário com 300 pessoas, a discutir 300 coisas, é diferente. Foi uma época inovadora – não conhecia nada de agências de publicidade, de campanhas publicitárias – e gosto de aprender coisas novas.

Então o que a fez novamente sair?

Surgiu a necessidade de fazer outra coisa. Já tinha abandonado as aulas e estava só com a televisão. Eu, a [minha irmã] Isabel e o ex-marido dela começámos a pensar em abrir um restaurante mexicano – não havia nenhum em Lisboa. Entre pensar e abrir, o que aconteceu em Maio de 1994, foram uns meses. Desde fazer um projecto de avaliação económico-financeira a pensar num menu (tivemos de contactar o embaixador do México em Portugal e através dele estabelecer contactos com os melhores chefes de cozinha no México), passando por contratar o pessoal para o restaurante, fazer o projecto de decoração – que foi o meu primeiro – e pensar em montar todo este negócio foi aliciante e envolveu todas as horas vagas nessa época. Aprendemos imenso, porque

não conhecíamos os restaurantes do ponto de vista de funcionamento. Hoje, quando estou a projectar restaurantes, sei exactamente como devem ser. E acabei por sair da TVI em 1995, não conseguia conciliar as duas coisas e já estava outra vez a dar aulas.

Marcava presença no restaurante?

Nos dois primeiros anos sim. Um dia eu, no outro a Isabel. A receber os clientes, a fazer a gestão. Foi como gerir uma empresa – porque tem todas as áreas: a de pessoal, de *marketing*, de relações públicas, de produção, financeira... É uma empresa em ponto pequeno e isso dá confiança para abarcar outros projectos.

Que foi o que fez a seguir, quando se mudou para Londres.

Depois de três experiências profissionais em áreas completamente diferentes, fui estudar.

«Disse ‘Não vale a pena continuar a fugir’. **FUI PARA LONDRES ESTUDAR Design de Interiores**»

No fundo, o meu lado criativo não se estava a expressar e eu não estava feliz. Disse: ‘Vou fazer aquilo de que verdadeiramente gosto e que sinto que é a minha vocação. Não vale a pena continuar a fugir’. Fui para Londres estudar Design de Interiores, na Inchbald School of Design, em 1997.

Tinha 30 anos, decidi mudar de vida, quando já se tinha estabelecido profissionalmente, quando as coisas lhe corriam bem. É preciso coragem para isso, não?

Acho que sim, sabe? Mas também sou muito determinada, o que penso fazer faço – e o sonho comanda a vida. E só temos uma vida, pelo menos uma de cada vez, por isso temos de a viver o melhor possível. Se não arriscar, fico na mesma, se arriscar posso ganhar. Pensei que tinha toda a lógica fazer um curso na área de que mais gostava. Hoje faço o que gosto.

E dado que nunca mais mudou de área, talvez seja o sinal de que encontrou o que queria...

Exactamente [risos]. No fundo, todas as experiências que tive foram óptimas – em especial o curso de Gestão de Empresas. Não fico assustada por fazer um orçamento para um hotel com 12 mil metros quadrados.

Como foi esse ano em Londres?

Óptimo. Ao longo do curso tínhamos de fazer projectos práticos – eram três projectos, para escolher um, e eu fazia os três [risos]. O professor pedia-me sempre para fazer o mais clássico, por eu não ser clássica e por isso ser mais difícil, mas eu aproveitava e fazia os outros também. Tive contacto com pessoas de outras culturas – os alunos eram japoneses, mauricianos, alemães, ingleses, sul-africanos, australianos, neo-zelandeses, espanhóis... do mundo inteiro. E isso é engraçado porque cada pessoa tem uma visão distinta do mesmo espaço – por exemplo, o que as colegas japonesas conseguiam colocar em 40 metros quadrados era extraordinário.

E por que razão optou por este curso de um ano em vez da licenciatura?

Não tinha idade para isso [risos].

Não queria perder esses anos.

Não. Não é por tirar um curso de Pintura que me vou tornar uma pintora. Nasce conosco. E ou as pessoas têm criatividade, vocação, ou não têm. Por isso, as questões técnicas aprendem-se com a experiência: a base estava aprendida, a partir daí, a experiência, a criatividade e a vocação fariam o resto.

Quando voltou a Lisboa, depois do curso, em 1998, abriu sozinha o seu atelier, o CJC. Como foi começar de novo noutra profissão?

Na altura era num escritório que temos na D. Carlos I. Devo dizer que não era fácil começar; com 30 e poucos anos, sem nunca ter trabalhado com alguém do meio, sem ter currículo. Mas, felizmente, apareceram alguns trabalhos. Um dos meus primeiros projectos foi um condomínio – este, onde estamos agora [em Campolide]. Era ali [aponta para a rua] o apartamento modelo e fui eu que o fiz. Construí um apartamento no seu interior, com uma casa pré-fabricada. Foi capa da *Máxima Interiores*. Fiz também outro projecto, que era a remodelação do Hotel Praia Mar, em Carcavelos. Foram esses os primeiros. A partir daí surgiram outros... Entretanto também fui mãe e ainda tínhamos os restaurantes (abrimos outro na Marina de Cascais, em 2000) – tinha várias áreas a que dar atenção.

Concorda com a ideia de que é uma profissão de mercado elitista? Não está ao alcance de qualquer um, está mais virada para hotéis...

É verdade. E está mais virada para espaços



públicos, apesar de existirem imensas pessoas que recorrem a *designers* de interiores para fazerem as suas casas. Graças a Deus! O meu primeiro projecto para um particular foi para um administrador de uma empresa, uma pessoa muito engraçada – fiz-lhe a casa toda e por acaso encontrei-o há tempos e ele disse-me ‘Ainda não precisei de mudar nada, a casa continua ótima’ e isto tem que ver um pouco com a intemporalidade dos meus projectos.

Têm um registo de sobriedade.

Aquilo que desenho, os espaços que crio são intemporais, não são muito de moda – a moda passa de moda. É engraçado porque acho que existe uma linha tão marcadamente CJC que se reconhecem os meus projectos: há um traço, uma assinatura.

E como se escreve ela?

Os espaços que crio são elegantes, mas ao mesmo tempo sóbrios. Normalmente têm um jogo de opostos – quente/frio, elegante/industrial, rústico/*shinning* – que adoro, e adoro a mistura de materiais opostos. A paleta de cores é muito sóbria: bege, *taupe*, branco, preto, cinza. Os ambientes são sempre muito relaxantes, calmos, as linhas são normalmente rectas e simples. Uso sempre materiais nobres – madeiras, pedras. Lacados. Aço inox. Lã, linho e veludo. *And that's all*.

É um registo associado ao luxo. Minimalista, intemporal.

É inato. Sai naturalmente assim. Pode ser uma cabana na praia, mas vai ser sempre elegante. As coisas podem ser sempre bonitas. Gosto de ver a vida pelo lado mais bonito. Se podemos estar num espaço bonito, porque é que havemos de estar num feio? Há que ter cuidado com todos os pormenores. Se calhar o registo até é mais sofisticação do que luxo.

Mas nunca usa o vermelho. Porquê?

Primeiro, não uso cores nos meus projectos. A vida já é tão agitada nos dias de hoje, a nossa mente tem tanta coisa para abarcar no dia-a-dia que, nos espaços onde vivemos ou trabalhamos, necessitamos de uma certa calma. O apontamento de cor pode ser dado com umas flores, umas almofadas – coisas que não sejam muito caras e que se possam mudar.

Até que ponto faz cedências ao cliente nos seus projectos?

Quando um cliente opta por mim costumo perguntar: ‘Conhece o meu trabalho? Identifica-se?’. Porque se não se identificar ou quiser algo assim ou assim, digo-lhe quem são as pessoas que, em cada um destes géneros, farão muito melhor do que eu. Agora, é óbvio que não vou viver na casa do cliente: tenho de perceber o *lifestyle* dele, como usa cada um dos espaços, que áreas privilegia na casa...

Uma entrevista, portanto.

Variadíssimas entrevistas! A nossa função é fazer uma casa na qual o cliente se sinta confortável e que tudo funcione de acordo com as suas expectativas. Depois começa o processo criativo, esboço um projecto e mostro-lhes as minhas primeiras ideias e vamos avançando. Com as ideias-base em termos de materiais, cores, *layouts*, o cliente aprova ou não e, a partir daí, vamos discutindo até chegar ao projecto que o satisfaz completamente. É um processo que, até à conclusão, dura meses. Se for só decoração, pode durar seis meses; se tiver arquitectura será um ano, um ano e meio.

Mas nunca lhe aconteceu fazer tanta cedência que no fim não se revia nos projectos?

Com particulares, não. Em projectos públicos, e quando são marcas internacionais, podemos ter de ceder em coisas com as quais não concordamos, por questões normalmente financeiras – e às vezes o resultado final não é aquele que desejaria.

Complementa os projectos com mais uma marca sua: as linhas de mobiliário, que lançou a partir de 2009.

Estou a pensar que afinal o meu primeiro projecto devia ser a minha casa... Aí comecei a desenhar as peças de mobiliário, foi uma coisa muito natural, apesar de nunca o ter feito na vida! Todos os meus projectos têm peças desenhadas por mim. E, normalmente, misturo com peças de clássicos do *design*. Estou a desenvolver mais linhas de mobiliário, que podem ser compradas pelo público em geral, e as medidas são adaptáveis – por isso faz todo o sentido desenhar a peça, ela é feita à medida das necessidades do cliente.

Sente a crise no seu trabalho?

Acho que as pessoas estão mais conscientes e também assustadas. Não actuo num mercado onde as pessoas estejam, maioritariamente,

te, a sentir dificuldades financeiras, mas, psicologicamente, o facto de não se saber o que vai acontecer à Europa e ao euro está a afectar os investimentos das pessoas que pensavam fazer casas. E também se preocupam cada vez mais em escolher coisas duráveis, boas, porque não faz sentido comprar uma peça que daqui a algum tempo se deteriore. O paradigma do consumo mudou: por um lado as pessoas apostam em coisas de maior qualidade e, por outro, só investem no estritamente necessário. A longo prazo até pode ser uma vantagem – as pessoas não vão sentir que gastaram dinheiro, mas que fizeram um investimento.

Isso na questão dos particulares. Mas em projectos maiores, como hotéis, passa-se o mesmo?

Às vezes deparo-me com esses pontos de vista – as pessoas não percebem que gastam menos dinheiro hoje mas estão a gastar mais amanhã. Portugal é um país de turismo, mas tem de se apostar num turismo de qualidade e isso não pode ser feito com *budgets* de 3 estrelas. Quando se pensa num hotel não basta ter lá 150 quartos. Por exemplo, um hotel no Algarve com 150 quartos. Julho e Agosto tem clientes. E o resto do ano? É preciso pensar no projecto como um todo: como vou ocupar o hotel durante o Inverno? Se calhar tenho de ter salas de conferências, golfe, cavalos, um *spa* – outro atractivo para ter clientes no Inverno.

Há algum projecto que lhe tenha ficado na memória ou pelo qual sinta um especial carinho?

«Posso fazer uma cabana na praia, **MAS VAI SER SEMPRE ELEGANTE.** Sai naturalmente assim»

Todos os projectos têm o meu cunho, gostei de cada um deles. Trabalho com paixão, adoro o que faço. É quase como os filhos: não consigo dizer qual prefiro. Cada um deles teve uma *nuance*, uma área de que gostei mais, uma que não correu tão bem – mas todos foram marcantes.

Ainda tem o sonho de fazer o seu hotel em África?

Adorava! Em Moçambique. Na praia. Aos 60 anos estou a ver-me a começar uma nova fase da minha vida e esse seria o projecto que gostaria de fazer. Para mim. Para viver lá seis meses, gerindo-o, e outros seis na Europa. Um hotel em África, quanto a mim, deveria ser marcadamente africano. E aquilo a que se está a assistir é o contrário: é global e eu não gosto dessa globalidade. Um hotel em África tem de ter espírito africano, com ambiente africano, elementos culturais africanos, materiais locais. Espero vir a concretizar esse sonho. 

ana.c.camara@sol.pt

